



Jornal O Pharol e a crítica cinematográfica em Mato Grosso¹

Camila Caroline CECÍLIO²
Simone Ishizuka GOMES³
Juliana VELASCO⁴
UNIC, Mato Grosso

RESUMO

Este artigo analisa críticas cinematográficas em Mato Grosso, registradas no jornal O Pharol, no período de maio de 1908 a fevereiro de 1910, em Cuiabá. A pesquisa exploratória também discorre a respeito da história do jornalismo cultural relacionando ao conceito de Indústria Cultural proposto pelos pensadores da Escola de Frankfurt, na década de 1930. O tema propõe reflexão sobre as críticas literárias produzidas no início do século XX, no periódico O Pharol. Os resultados do trabalho permitem observar que as publicações tinham cunho social, pois avaliavam, de forma a contribuir, os vários aspectos da sétima arte, tais como as instalações onde eram realizadas as apresentações e o comportamento do público. O impresso exerceu papel essencial na sociedade da época, lançando outro olhar às avaliações sobre um novo conceito de opinião.

PALAVRAS-CHAVE

Crítica cinematográfica; jornalismo cultural; indústria cultural; jornal O Pharol

INTRODUÇÃO

Trazer à tona a discussão sobre as críticas de cinema publicadas no periódico O Pharol, no período de maio de 1908 a fevereiro de 1910, é a temática desta pesquisa. O procedimento utilizado para obter os resultados estimados trata-se da análise dos exemplares do impresso, disponíveis no Núcleo de Documentação e Informação Histórica e Regional (NDIHR) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), por meio de micro filmagens. É válido ressaltar que não existem todas as edições publicadas do jornal, sendo pesquisado apenas o material arquivado.

Para complementar os efeitos alcançados foi necessário que se entrevistasse dois importantes nomes da pesquisa cinematográfica no Estado; o historiador Aníbal

¹ Trabalho apresentado no IJ 06 - Interfaces Comunicacionais – Jornalismo do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 27 a 29 de maio de 2010.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da FACS-UNIC, email: cami_cecilio@hotmail.com

³ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da FACS-UNIC, email: sika.ishi@gmail.com

⁴ Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Graduada em Jornalismo e atualmente compõe o quadro de docentes da Faculdade de Jornalismo da Universidade de Cuiabá – UNIC, email: julianavelasco1@gmail.com



Alencastro e o pesquisador Luís Carlos de Oliveira Borges, ambos cuiabanos. Os pesquisadores relatam nas obras *Anos Dourados dos Nossos Cinemas* e *Coleção Memória e Mito do Cinema em Mato Grosso*, respectivamente, fatos relevantes sobre a chegada do cinema no Estado e os acontecimentos decorrentes dessa, então, novidade na região.

Com isso, é possível relacionar determinados episódios, tal como os efeitos das críticas sobre a sociedade da época com as teorias críticas propostas pelos frankfurtianos Theodor Adorno e Max Horkheimer.

1 Jornalismo cultural

Para falar sobre a crítica literária é necessário fazer um breve contexto sobre o jornalismo cultural. Desta forma, será percorrido os caminhos que envolvem a arte estética visual, a essência, o ponto de vista de críticos especializados e o peso histórico na formação cultural de cada indivíduo. Dedicado à avaliação de idéias, valores e artes, esse gênero jornalístico é produto de uma era que se inicia logo após o Renascimento, época em que grandes idéias artísticas começaram a aflorar em meio à sociedade. Em contra ponto a isso, surgem as máquinas que proporcionaram rapidez na produção e na informação, fazendo com que a economia se desenvolvesse rapidamente entre os povos. Nessa época já existia a imprensa, inventada por Johannes Gutenberg.

Registros documentais revelam que 1711 foi o ano em que dois ensaístas ingleses, Richard Steele (1672 – 1729) e Joseph Addison (1672 – 1719), fundaram uma revista diária chamada *The Spectator*. Este foi um dos principais destaques da época. Ambos decidiram lançar o material com a seguinte finalidade: “tirar a filosofia dos gabinetes e bibliotecas, escolas e faculdades, e levar para os clubes e assembléias, casas de chás e cafés”. Até hoje as antologias de seus ensaios são encontradas nas livrarias e estudadas em vários países, segundo Piza (2003, p. 11).

No Brasil, o jornalismo voltado para a cultura só ganha força no final do século XIX, e assim, nascem nomes que se destacam até hoje. Entre os mais importantes estão Henry James (1843 - 1916) e Machado de Assis (1839-1908), este último, iniciou a carreira como crítico de teatro e polemista literário.

O jornalismo cultural começou o processo de metamorfose, logo, o estilo da crítica do gênero feita em periódicos também ocasionou mudanças. O debate sobre a



cultura ganhou ênfase nos artigos do estilo. Os repórteres europeus começaram a escrever textos com olhares aguçados, com discussões políticas, observação social e apreciação estética dos produtos analisados, mostrando, por exemplo, como a obra de Mozart era composta por mais elementos que melodias e figurino pomposo. O crítico cultural deveria então com idéias e realidades, não apenas com formas e fantasias.

A virada para o século XX, o periodismo era feito de escasso noticiário, muito articulismo político e o debate sobre livros e artes. Enfim, surge então a arte moderna, que chegou derrubando muros e o jornalismo cultural começara a se renovar.

A sociedade moderna contribuiu para transformar também a imprensa: nesta fase o fazer jornalístico volta-se mais para a reportagem. Os relatos dos fatos, não raros sensacionalistas, começaram a se profissionalizar. Os cadernos de política e polícia tornam-se importantes nas redações. Piza (2003 p. 19) ressalta que no campo da cultura, o jornalismo também “esquentou”: descobriu-se a reportagem e a entrevista, além de uma crítica de arte mais breve e participante.

Com o jornalismo cultural se estendendo por todos os cantos do Brasil, no fim do século XIX, Mato Grosso experimenta certo desejo de modernidade e progresso amplamente difundido pela imprensa local. De acordo com Borges (2008, p. 31), a informação sobre as conquistas da ciência e suas “máquinas maravilhosas” desenvolvidas na Revolução Industrial, em curso na Europa, ocupava um crescente espaço nas páginas dos tablóides.

Os mato-grossenses desejavam a modernização – aspiração promovida pela Revolução Industrial –, com recursos jamais vistos até então, não veio ao acaso. Nesse período, o Estado passa por crise econômica e social, que se caracteriza por um quadro de decadência. Mas se abre um novo ciclo de prosperidade com a reabertura da navegação do rio Paraguai, inserindo a região no circuito do capitalismo internacional.

Diversas encenações artísticas vindas de vários cantos do mundo foram feitas na capital, superando até o número de apresentações das grandes metrópoles do país na época.



É nesse período que o Estado registrou um número de encenações teatrais superior ao somatório das encenações das demais capitânicas brasileiras. Eram companhias teatrais européias, que tinham como meta principal, as cidades de Buenos Aires e Montevideu e estendiam o itinerário, por via fluvial, até o Mato Grosso. Mas tais manifestações nunca corresponderam a uma efetiva prosperidade econômica. O que certamente refletia na qualidade destas companhias, quase sempre mamebes. (BORGES, 2008, p. 32).

A reabertura dos portos era decisiva, pois através disso, Mato Grosso abre portas para a exportação de produtos locais, importação de mercadorias, proliferação de novos povoados e o intercâmbio de idéias provenientes da Europa. A partir disso, repercutia-se em toda a vida social da população, provocando assim, a inauguração de vários jornais locais.

Em Cuiabá, quando o senhor Cardiot instala a primeira lâmpada na Praça Alencastro, vários artigos são publicados em protesto à transformação do sistema de iluminação das vias públicas da cidade. Até aquele momento, a cidade era iluminada pela queima da gordura de um abundante peixe na região – o pacu. Mas os defensores do sistema tradicional aos poucos foram sendo derrotados pela adequação exigida para a implantação da nova ordem econômica no Estado.⁵ (BORGES, 2008, p. 33)

Presos às tradições regionais, alguns habitantes tiveram uma reação contrária diante aos acontecimentos, e mesmo que de forma velada, protestaram contra esta evolução cultural em que o Estado estava passando.

1.1 Historiografia do cinema cuiabano no contexto mundial

Um dos inventos que mais registrou fatos, fenômenos e comportamento da sociedade de um modo geral foi o cinema. O então chamado cinematographo foi inventado em 28 de dezembro de 1885, pelos irmãos Lumière (Lois e Auguste) na França. A nova tecnologia reunia grandes públicos que prestigiavam o jogo de luzes que davam vida aos movimentos, em uma das apresentações do “Grand Café do Boulevard des Capucines”. Um seleto grupo de pessoas viu imagens em preto e branco, sem som, nos filmes exibidos pelos próprios irmãos Lumière. A chegada de um trem na tela, por

⁵ O Republicano, Ano I, de 27 dez. 1896



exemplo, assustou a platéia. Muitos desviaram a cabeça com medo de serem atropelados, pois o cinema começou causando “espantos” (ALENCASTRO, 1996, p. 15).

Mato Grosso foi contemplado com a primeira apresentação cinematográfica após seis anos de sua invenção. A exibição inaugural ocorreu nas dependências do circo Palma, em 1903, na cidade portuária de Corumbá (hoje localizada em Mato Grosso do Sul). Porém, em Cuiabá, a sessão de estréia foi realizada apenas em 1908, pela empresa Silva & Irmãos.

Instalado sobre os escombros do barracão do antigo Teatro Amor à Arte, o espaço, apesar de se encontrar precário, não impediu que houvesse as sessões. O ambiente de pouco conforto e comodidade não impediu que as pessoas se aglomerassem nas cadeiras e camarotes.

Apesar de a imprensa mato-grossense tratar o cinema como um marco importante, na década de 1910, este tratamento ainda não apresentava características inovadoras como as da década anterior. Entretanto, observa-se o surgimento de uma visão mais crítica e menos ingênua, ora exaltando aspectos educativos, ora denunciando a violência contida nos filmes.

Segundo comentário do jornal literário O Pharol, crítica afiada e informal sobre os acontecimentos nas salas de cinema, o comportamento do público se confundia com as imagens da telona. Há relatos que, certa vez, o reforço policial foi solicitado para controlar o público assustado com as projeções audiovisuais.

Na coluna *Piparotes*, do mesmo periódico, foi publicada uma pequena crônica humorística intitulada *Diálogo no Escuro*, onde dois homens amaldiçoam os ditos chapéus das mulheres nas funções do cinematógrafo. Um deles propõe a cobrança da entrada dos chapéus a um preço equivalente ao dobro do valor do camarote. (BORGES, 2008, p. 39)

Embora as grandes metrópoles, percussoras da imprensa brasileira estarem distantes geograficamente de Mato Grosso, segundo Jucá (1986, p.6) o Estado foi o pioneiro em toda região a investir na imprensa. Em seguida, a Província local assegurou a circulação do primeiro órgão, o jornal “Themis Mattogrossense”, no dia 14 de agosto de 1939.



2 Contribuição frankfurtiana para o cinema brasileiro

O universo do campo cinematográfico exerce influências emancipatórias em vários segmentos da sociedade. A crítica é um poderoso instrumento que contribui para elucidação ou uma observação mais detalhada dos fatos que passam ligeiramente na tela. Entender esse processo de gestos, imagens e palavras não é uma tarefa fácil. Por isso, recorre-se aos autores da Escola de Frankfurt, que trazem uma concepção mais apurada da chamada teoria crítica.

A teoria crítica busca avaliar o comportamento da população em geral, através de estudos sobre o comportamento de grupos sociais em relação ao impacto da Indústria Cultural. A crítica passa a ser o elemento que permeia todo processo de conhecimento, não somente pondo em questão uma hipótese explicativa de um problema específico. A crítica, compreendida como o princípio da negatividade, vem a ser o elemento constituinte do método. A teoria crítica, segundo Horkheimer (1947), procura integrar um dado novo no corpo teórico já elaborado, relacionando-o sempre com o conhecimento que já se tem do homem e da natureza naquele momento histórico. A noção de necessidade para a teoria crítica ainda continua presa a um juízo existencial: libertar a humanidade da repressão, da ignorância e inconsciência.

A teoria crítica começa com uma idéia relativamente geral da troca simples de mercadorias, representada por conceitos relativamente gerais. Pressupondo todo o conhecimento disponível e assimilando todo o material resultante de pesquisas próprias e alheias, procura mostrar como a economia de trocas nas condições atualmente dadas (...) conduz necessariamente ao agravamento das contradições na sociedade, o que em nossa época histórica atual leva a guerras e revoluções. (HORKHEIMER, 1947, p 174-175)

Os autores como Kant (1965 *apud* FREITAG, 2004) defendem a razão como instrumento de libertação, autonomia e maturidade. Sem ela, não poderiam segurar as rédeas da própria história. Esse juízo preserva, em sua essência, o ideal iluminista tão discutido por Horkheimer no artigo “Teoria Tradicional e Teoria Crítica”, de 1937. “A ciência e a filosofia moderna não podem contentar-se hoje com uma discussão sobre juízos de fato e de valor, elas têm que recorrer aos juízos existenciais” (FREITAG, 2004, p. 37).



Ao longo da busca pelo conhecimento em torno da teoria crítica, Max Horkheimer escreveu diversas obras, entretanto, foi a “Dialética do Esclarecimento”, lançada em 1947, que faz difundir reflexões em torno da razão e da funcionalidade no mundo moderno, e assim, alcança expressão contraditória (FREITAG, 2004, p. 37-38).

Logo, a crítica é o meio predominante dentro do vasto campo do conhecimento. Assim, pode-se entender que não se trata de voltar a atenção para um objeto de estudo apenas, mas colocar em questão todas as possibilidades existentes neste âmbito. Para findar esse momento da teoria crítica é necessário reafirmar que, apesar de não ter alcançado a profundidade pretendida, esse debate acentuou a vivacidade da problemática levantada por Horkheimer, sendo explorada ainda mais por Adorno e Popper.

Neste último momento trata-se de um debate ocorrido entre Niklas Luhmann e Jürgen Habermas, que deixa nítido que ao defender sua teoria sobre a sociedade, Habermas mostra afinidade com a teoria crítica. Por outro lado, ao defender outra versão da teoria sistêmica, Luhmann se revela próximo pensamento moderno positivista. Essa discussão entre os dois sociólogos encontra-se no livro Teoria da Sociedade ou Tecnologia Social, de 1972.

Habermas, depois de ter lançado vários de seus trabalhos, já tinha claramente tomado partido a favor de Adorno na disputa com Popper que girava em torno do positivismo. Habermas faz sínteses, análises e questiona certos pontos. Dentre os temas discutidos está a proposta positivista. O sociólogo coloca confronto a validade dessa proposta de postular a objetividade e verdade do conhecimento apenas em função do método ou do procedimento lógico-formal (FREITAG, 2004, p. 53).

Já Luhmann tem a intenção de aplicar os conceitos cibernéticos ao estudo da sociedade, para isso, ele faz uma analogia entre sua idéia e o modelo da biologia, o qual é chamado de sistema e meio.

Alguns conceitos de Luhmann não foram bem sucedidos, levando em consideração que Habermas estava sempre presente contestando em suas argumentações esses conceitos. Outra questão que vale ser lembrada neste texto é sobre o conceito de racionalidade na visão de Habermas:



(...) um procedimento argumentativo pelo qual dois ou mais sujeitos se põem de acordo sobre questões relacionadas com a verdade, a justiça e a autenticidade. Tanto no diálogo como no discurso, todas as verdades anteriormente consideradas válidas e inabaláveis podem ser questionadas; todas as normas e valores vigentes têm de ser justificados; todas as relações sociais são consideradas resultado de uma negociação na qual se busca o consenso e se respeita a reciprocidade, fundados no melhor argumento. (FREITAG, Barbara, 2004, p. 60)

Neste último momento, os frankfurtianos e “seus herdeiros” buscam uma reconciliação entre os dois momentos da razão. Isso se tornou possível devido a ousadia de Habermas em mudar paradigmas e superar as formulações de Adorno e Horkheimer.

Os pensadores da Escola de Frankfurt analisam os artefatos da indústria cultural para melhor entendimento dos aspectos instrumentais da razão e da sensibilidade. Nesse sentido, a crítica de cinema, sobre uma produção fílmica que converge arte e entretenimento, tem também como função mostrar os vários significados ao telespectador do setor cinematográfico. Pois a teoria crítica como foi possível avaliar se preocupa muito mais dos os meios expressivos, as circunstâncias do que propriamente do que o filme.

Logo, após essas considerações, apresenta-se na próxima seção um panorama da Indústria Cultural destacando a industrialização, consumo e meios de dominação sustentadas pela teoria crítica.

2.2 A Indústria Cultural

A discussão sobre a indústria cultural, conceito desenvolvido pelos pensadores da Escola de Frankfurt, é imprescindível quando levantada a questão cultural. O termo “indústria cultural” foi empregado pela primeira vez em 1941, no ensaio sobre a “Arte e a cultura de massa”, de Horkheimer.



O conceito de Indústria Cultural, criado pelos frankfurtianos, trata da produção em série, da homogeneização e, em consequência, da deterioração dos padrões culturais. A exploração comercial de bens considerados culturais reforça a dominação técnica imposta pelo sistema, gerando passividade. A cultura, com a intervenção técnica e os meios de reprodução em massa, perde sua "aura" e passa a ser mercadoria, descaracterizada enquanto manifestação artística. Moldada para agradar aos padrões da massa consumidora, a cultura de massa rebaixa o nível dos produtos artísticos. Além disso, a relação entre artista e público é intermediada por técnicos. Os produtos são carregados de ideologia dominante e provocam o conformismo. (SANTOS, 1992, p. 82)

Este conceito foi divulgado por Adorno e Horkheimer em 1947, na obra *Dialética do Esclarecimento*, se tornando assim, uma das discussões mais presentes no meio das Ciências Sociais e da Comunicação até os tempos atuais.

A discussão em torno da indústria cultural e as críticas à cultura de massa foram os principais fatores que colaboraram com o reconhecimento da Escola de Frankfurt nos quatro cantos do mundo.

A Escola de Frankfurt inaugurou o estudo crítico da comunicação nos anos de 1930 e combinou economia política dos meios de comunicação, análise cultural dos textos e estudos de recepção pelo público dos efeitos sociais e ideológicos da cultura e das comunicações de massa. Seus proponentes cunharam a expressão “indústria cultural” para indicar o processo de industrialização da cultura produzida para a massa: transformação em mercadoria, padronização e massificação. (KELLNER, 1995, p. 44)

O tema da cultura se torna maduro ainda no início dos trabalhos do grupo de pensadores na fase em que a instituição funcionava em Frankfurt. Nessa época foram escritos os primeiros ensaios que ganharam destaque na abrangente discussão sobre a cultura e que antecederam as reflexões de Adorno e Horkheimer na obra “Indústria cultural, Iluminismo como sedução das massas”, 1947.

Em 1932, foi publicada na primeira edição da revista de investigação sociológica, a *Zeitschrift*, o artigo “Sobre a situação social da música”, de Adorno. O texto aponta que a música é um dos produtos que fazem parte das relações de produção capitalista.

No ano de 1936, o frankfurtiano Walter Benjamin publica na sexta edição da *Zeitschrift* um artigo denominado “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”. Em 1937 é a vez de Hebert Marcuse publicar seus pensamentos no ensaio “Caráter afirmativo da cultura”. Por último, mais um dos ensaios que receberam maior



atenção no aspecto da crítica cultural foi o já citado “Arte e a cultura de massa”, de Horkheimer.

A Escola de Frankfurt inaugurou o estudo crítico da comunicação nos anos de 1930 e combinou economia política dos meios de comunicação, análise cultural dos textos e estudos de recepção pelo público dos efeitos sociais e ideológicos da cultura e das comunicações de massa. Seus proponentes cunharam a expressão “indústria cultural” para indicar o processo de industrialização da cultura produzida para a massa: transformação em mercadoria, padronização e massificação. (KELLNER, 1995, p. 44)

Não se pode falar de indústria cultural sem lembrar das questões que envolvem a “aura” de determinada arte. A aura contém “elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja” (BENJAMIN, 1935-1936, p. 170).

Na virada do período feudal para o burguês foi caracterizado pela secularização da obra de arte, ou seja, sua aura permaneceu preservada. Já na passagem do período burguês para a sociedade de massa a aura se perde e dá lugar à massificação dos bens artísticos. Os dois fatores primordiais para que esse fato se consolide naquela época é a velocidade tecnológica por qual o mundo estava passando e a capacidade de reprodução da obra de arte, até então, cada vez mais presente no decorrer do tempo. Com isso, deu-se início a massificação das obras de arte causando, conseqüentemente, a perda a aura.

Entretanto, para Walter Benjamin, ao perder a aura, a obra adquire um novo valor, o de tornar-se acessível a todos. Na visão de Horkheimer, Adorno e Marcuse essa perda traz consigo conseqüências negativas. Para eles, sem a aura, a unicidade e a singularidade da obra de arte se destrói, porém, ao se desvincular desse valor outro entra se intensifica: o da exposição.

3 Explorando “O Pharol”

Será feita uma viagem no tempo, mais precisamente de 1908 a 1910, para falar sobre o jornal mato-grossense, O Pharol. O foco são as publicações relativas ao cinema da época, através de textos que se dividiam em crônicas e colunas. Por diversas vezes, o sarcasmo, a ironia e o bom humor eram os ingredientes cruciais nas linhas das críticas.



A primeira publicação do O Pharol ocorreu em 1902 em Cuiabá e seguiu até 1925, passando por três fases, que correspondiam a diferentes proprietários do periódico.

Nos anos em que serão analisadas as publicações, o impresso tinha como primeiro proprietário o editor Antonio Pontes. A princípio, “*Orgam Litterario, Critico e Noticioso*” era o *slogam* do O Pharol, cuja linguagem seguia os padrões formais do século passado.

A redação do jornal era instalada nas ruas Barão de Melgaço e Coronel Pedro Celestino. Porém, mudava seu endereço frequentemente, mas sempre situando nas ruas citadas anteriormente, em Cuiabá. De quatro a seis páginas eram publicadas em edições semanais, mais precisamente aos sábados. Segundo Borges (2008, p.51), o jornal e o editor Antonio Pontes eram importantes aliados na promoção cinematográfica junto à sociedade local.

3.1 Pesquisadores Lyricos

No decorrer desta pesquisa percebe-se que o cinema mudou, de fato, o conceito da população em geral de Mato Grosso, contando com os profissionais da comunicação aos leitores. As críticas presentes no jornal O Pharol, estampadas em forma de crônicas, textos corridos ou até mesmo chamadas breves colaboraram com o desenvolvimento da cultura crítica na região. Situação essa que colaborou para que os empresários cinematográficos da época não fizessem serviços sem qualidade técnica para transmitir sonhos através de luzes.

O resgate histórico e a visão de dois nomes importantes quando o assunto é a chegada do cinema em Mato Grosso e os feitos do jornal O Pharol são relevantes para esta pesquisa. Trata-se, respectivamente, do historiador Aníbal Alencastro e do pesquisador Luís Carlos de Oliveira Borges. Ambos fizeram análises significativas para a cultura mato-grossense, pois voltaram há algumas décadas para resgatar parte da história. E, conseqüentemente, possibilitar maior acessibilidade para os que não vivenciaram o marco do século XX e nem conheceram os fatos marcantes que integram a cultura de Mato Grosso.

Com o propósito de melhor compreender sobre o assunto, nesta etapa da pesquisa os dois pesquisadores foram entrevistados para nortear, de forma mais esclarecedora, os conceitos aqui empregados. O primeiro foi Aníbal Alencastro, que



discorre sobre os acontecimentos históricos da época para contar um pouco mais sobre a chegada do cinema no Estado.

“O cinema era mudo e era movido à manivela porque, até então, nós não tínhamos aqui [em Cuiabá] eletricidade. Então, para se ter uma idéia da importância do cinema, ele aparece antes mesmo do rádio e da televisão, quase paralelamente com o telefone”, conta Alencastro. Ele ainda diz que, desde a sua chegada, o cinema teve apresentações impactantes perante o público cuiabano. “O cinema era muito lotado, procurado e falado naquela época e por isso entrou com todo o vapor no Estado”. Já o pesquisador Luis Borges conta que há registros fotográficos de salas de cinema lotadas por pessoas que esperavam a atração começar. “Nessas imagens é possível ver uma sala apinhada de gente quase pendurada no teto para assistir um filme”.

O historiador ainda explica como funcionavam os equipamentos, no caso, o Bioscópio Lyrico, para que o cinema chegasse à população. “A iluminação era feita com gás acetileno, tipo um lampião e rodado à mão e por isso as cenas eram passadas rápidas. O cinema tinha 16 ‘quadrinhos’ por segundo e com o movimento manual as cenas apareciam mais rápidas, mas assim mesmo o povo adorava o cinema”.

A reação do público com a chegada do cinema foi de grande aceitação e até mesmo espantosa devido à tecnologia que já vinha ocasionando diversas mudanças naquele tempo, inclusive no conceito da cultura mundial. Alencastro relata que as pessoas chegavam a imitar os personagens dos filmes transmitidos e até as músicas carnavalescas ganhavam uma roupagem de acordo com o que passava no cinema.

Quanto à reação da imprensa local com o começo da era do cinema em Mato Grosso, Alencastro diz que a recepção também foi muito positiva. “Os comentários eram muito bons e animadores, pois falavam de coisas novas que estavam chegando”, acrescenta.

Já Luis Borges conta que “o cinema tinha um apelo popular muito grande logo em seu início, pois tinha uma fórmula que agregou vários fatores que fez dele um grande sucesso”. O pesquisador comenta ainda sobre os esses fatores. “Primeiro que as pessoas não tinham nada para fazer na cidade, segundo que o teatro sempre foi um entretenimento de elite, era muito caro e o cinema por ter um preço popular, logo de cara, é uma atividade que agrega o desejo de uma classe bastante popular sedenta de entretenimento”, completa.

Dois coisas foram importantes para o início do cinema no Estado, na visão de Luis Borges: a participação do povo e o papel exercido pela imprensa da época, que foi



a maior estimuladora da nova arte que começava. A partir daí surgem novas colunas nos jornais e, inclusive, os anúncios publicitários, ambos procedentes do cinema. Até então, as propagandas não eram conhecidas pelo público com o novo formato que ganhou devido ao cinema, com letras garrafais, de tamanhos diferenciados e ilustrações que caracterizavam os anúncios.

Quando falado sobre a atuação dos jornais daquele tempo, Luis Borges destaca o jornal O Pharol. “Esse jornal foi um grande periódico que trabalhou de forma mais aprofundada a questão do cinema, tanto nas críticas quanto em no humor que havia em algumas colunas”. Ele ainda lembra sobre a disputa acirrada que havia entre os dois exibicionistas da época: Salvador Teixeira e Guilherme Meldau. “A gente vê nesse momento o início do que podemos chamar de invenção da cuiabania e o cinema começa a estabelecer uma relação com a sociedade no sentido de fazê-la reivindicar, de que forma ela se vê e de que forma ela se representa”, conclui.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A chegada do cinema proporcionou o desenvolvimento tanto industrial quanto cultural para a população mato-grossense no início do século XX. A partir disso, pode-se ter idéia da importância que a novidade trazia. O Rio Paraguai possibilitou que a população local pudesse receber idéias inovadoras e abrangência cultural, a exemplo da chegada o primeiro cinematographo de Mato Grosso, fato que marcou a história do Estado.

Com a vinda do cinema, a imprensa local passou a ceder espaço para discutir sobre a tecnologia que acabava de ser instalada em Cuiabá. Neste meio, destaca-se o jornal O Pharol, que publicava textos em tons de humor, sarcasmo e ironia aos então empresários do ramo cinematográfico.

De acordo com os documentos analisados é certo afirmar que o periódico O Pharol seguiu à risca seu *slogan*, que se denominava “*Orgam Litterario, Critico e Noticioso*”, pois em cada texto relacionado ao cinema continha certa dose de acidez. Nas publicações em geral o assunto girava em torno das discussões sobre as instalações precárias de onde eram transmitidos os filmes.

As críticas produzidas pelo jornal discutiam somente sobre os aspectos físicos dos lugares onde eram realizadas as sessões e sobre a reação do público. Naquela época



não havia o hábito de explorar o conteúdo dos filmes, como por exemplo, comentar sobre a atuação dos atores ou então os roteiros.

Percebeu-se então que O Pharol foi de extrema importância para a população local, pois foi a partir dele que as pessoas tiveram a oportunidade de conhecer mais sobre esse novo entretenimento e como funcionava. A chegada do cinema deu às pessoas a possibilidade de expandirem a imaginação através do Bioscópio Lyrico, que projetava imagens em um simples pano e ao som da Orquestra Sinfônica, que por vezes errava as notas das músicas. Mesmo com os contratemplos, nada impediu que o cinematógrafo cumprisse sua missão: dar ao público um passaporte para sonhar.

A partir dessa pesquisa, novos temas podem ser explorados, a exemplo da hipótese de qual a relevância do jornal O Pharol fora do âmbito mato-grossense. Ou então, qual o papel exercido pelos principais jornais de Mato Grosso na primeira década do século XX em relação ao incentivo cultural às comunidades com poucos recursos financeiros.

5 REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, Anibal. **Anos Dourados dos Nossos Cinemas**. Cuiabá:Secretaria do Estado de Cultura em Mato Grosso, 1996.

BENJAMIN, Walter. **Grandes Cientistas Sociais**. São Paulo: Ática, 1985.

BORGES, Luiz Carlos de Oliveira. **Coleção Memória e Mito do Cinema em Mato Grosso**; 1. Cuiabá – MT: Entrelinhas, 2008.

FREITAG, Barbara. **A teoria crítica ontem e hoje**. São Paulo: Braziliense, 2004.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse of Reason**. Oxford University Press. Nova York, 1947.

JUCÁ, Pedro Rocha. **A Imprensa Oficial de Mato Grosso**. Cuiabá: IOMAT, 1986

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. São Paulo: Editora do Brasil, 1965.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: EDUSC, 2001.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. São Paulo: Contexto, 2003

POPPER, Karl. **Lógica das Ciências Sociais**. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, 1978.

SANTOS, Roberto Elísio dos. **Introdução à Teoria da Comunicação**. Coleção Pistas. São Bernardo do Campo: Editora do IMS, 1992